

O JANTAR NA CASA DO JORGE AIROSA

O Jorge Airoso era jornalista e meu vizinho no bairro da Maianga.

Eu desconfiava que além disso ele trabalhava como informante da polícia pois a atividade de jornalista lhe permitia circular entre os ditos “expatriados” constituídos por estrangeiros que por algum motivo viviam no país. Por conta da feroz guerra civil e internacional em que o país estava mergulhado há décadas não havia “turistas” andando pela cidade.

Em que pese minhas desconfianças, ele era uma boa pessoa e uma companhia agradável pelo que eu o considerava um amigo. Frequentávamos mutuamente nossas casas e confraternizávamos com nossas famílias. Justamente por isso numa ocasião ele me convidou para um jantar em sua casa. Isto era uma deferência muito especial visto que os naturais viviam sob regime de racionamento de alimentos e bens, exatamente por causa da guerra. Eu, por ter alguns privilégios diplomáticos conseguia prover uma certa abundância de alimentos e sempre que precisava ajudava os amigos, como foi o caso daquela vez. Além de mim ele convidara dois primos e o “Seu” Cardoso, um português alto, corpulento, dono de caminhões com uma história de ter combatido as tropas portuguesas ao lado dos guerrilheiros pela independência. Por conta disso ele era muito respeitado. Mas, isto não o tornava uma pessoa refinada, ao contrário, “Seu” Cardoso era um homem rude, de difícil trato.

A casa do Airoso tinha um amplo quintal onde ele instalara uma mesa grande em torno da qual as famílias e os convidados se acomodaram. Havia bastante comida e bebidas e a conversação ocorria tranquila, sobre amenidades, até que o assunto sobre motores veio à tona. Nada polêmico ou muito específico, porém, o Kiala, um dos primos do Airoso, que era mecânico, assuntou sobre a mecânica de caminhões. Este tema era um dos que o “seu” Cardoso aparentemente dominava. O Kiala disse “A” e o “seu” Cardoso “B” sobre uma questão totalmente irrelevante a respeito de motores e que ninguém ali entendia. O debate entre os dois esquentou até que exaltados começaram a se xingar. O Kiala, lá pelas tantas, tascou pro “seu” Cardoso: “Você é um paranoico”. O adjetivo num tom muito ofensivo não se ajustava à discussão pois não havia nada que parecesse paranoia no caso. O que importou, no entanto foi a reação do “seu” Cardoso, que num pulo esbofeteou o Kiala.

O ambiente ficara tenso e constrangedor e o Airoso e sua esposa apressaram-se a desanuviar os ânimos. Alguns minutos depois o “seu” Cardoso declarou, com aparente espírito conciliador que iria contar uma anedota e falou:

- Qual o ser humano mais parecido com o macaco?

Ficamos em silêncio no suspense da resposta.

O “seu” Cardoso respondeu:

- O branco. Sabem porquê? Porque o preto é o propriamente dito.

E caiu na gargalhada. Sozinho.

Eu ainda fiquei mais um tempo, me despedi e fui embora.

O “seu” Cardoso saiu incólume, porque segundo o Airoso, eles lá respeitam muito os mais velhos.